

*Religiões afro-brasileiras: estudo de caso do candomblé em
Cajazeiras - PB*^{* **}

JANIERK PEREIRA DE FREITAS^{*1}

Universidade Federal de Campina Grande

MONALISA CRISTINA SILVA MEDEIROS^{*2}

Universidade Federal de Campina Grande

JOSÉ ADAILTON LIMA SILVA^{*3}

Universidade Federal de Campina Grande

MANOEL FERREIRA DA SILVA NETO^{*4}

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: O presente artigo traz a história da chegada do Candomblé no Brasil e seu enraizamento, mesmo que de forma clandestina, na cultura da nova colônia portuguesa, visto a não possibilidade de ir contra a religião oficial do Estado, identificando sua influência no nosso país e de forma particular na cidade de Cajazeiras – PB. Nosso objetivo é analisar como essa crença influenciou as culturas religiosas e a vida em particular das pessoas na cidade. As primeiras casas de Candomblé do Brasil surgiram depois da libertação dos escravos. Como já aconteceu à incorporação dos santos da

* Artigo recebido em 13 de agosto de 2013. Aprovado para publicação em 17 de outubro de 2013.

** Colaboraram na produção deste artigo Francisco Eduardo de Freitas e Carla Geani Pereira de Freitas.

^{*1} Doutoranda em Recursos Naturais na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: janierk_pfreitas@hotmail.com.

^{*2} Doutoranda em Recursos Naturais na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: monalisacristinasm@hotmail.com.

^{*3} Doutorando em Recursos Naturais na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: adailton_limasilva@hotmail.com.

^{*4} Mestrando em Engenharia Química pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: manuelferreira.ufpb@gmail.com.

Igreja Católica na religião dos orixás, isto permaneceu e permanece até hoje. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, de abordagem quantitativa, além da pesquisa bibliográfica e documental. Assim podemos concluir que o Candomblé na cidade de Cajazeiras é bem aceito e respeitado pela população, visto como uma religião solidária que recebe todos seus seguidores de maneira iguais, sem distinção de cor ou classe social. Seus adeptos seguem a cultura fiel dos preceitos primordiais da religião, que se desenvolve de maneira viva no meio da sociedade, atendendo seus anseios físicos e espirituais.

Palavras-chave: Sociedade; Candomblé; Religião.

Abstract: This article brings the story of the arrival of Candomblé in Brazil and its roots, even clandestinely, in the culture of the new Portuguese colony since not able to go against the official state religion, identifying its influence in our country and particular way in the city of Cajazeiras – PB. Our goal is to analyze how this belief influenced the cultures and religious life in particular people in the city. The first houses of Candomblé in Brazil emerged after the liberation of the slaves. As has happened to the incorporation of the saints of the Catholic Church in the religion of the orishas, it remained and remains so today. The methodology used was a case study of quantitative and qualitative approach, in addition to literature and documents. Thus we can conclude that Candomblé in the city of Cajazeiras is well accepted and respected by the people, seen as a religion of solidarity that gets all his followers so equal, regardless of color or social class. Its adherents follow the true culture of the primary precepts of religion, which develops in a living way in the midst of society, given their physical and spiritual yearnings.

Keywords: Society; Candomblé; Religion.

Introdução

A chegada do Candomblé no Brasil está intimamente ligada com a sua história e desenvolvimento político-social europeu. Com o alvorecer do século XVI, Portugal e outras nações, a exemplo da Espanha, adotaram uma política de expansão territorial, dada à necessidade de riquezas que a Coroa precisava. Graças a esta necessidade e um pouco de sorte Cabral chegou à nossa “Índia”.

Foi necessário, então, trazer escravos ao Brasil, e estes vieram da África; logo se desenvolveu, no seu meio e de maneira quase clandestina, uma nova religião e um modo de ser próprio advindo de seu *ethos*, que ficou conhecida como Candomblé, e hoje se massifica não só como religião, mas também como “filosofia de vida”.

Agora a figura do padre existe só para os colonizadores, está restrita mais fortemente só à Casa Grande e aos seus, na senzala o culto aos orixás continua a ser praticado, desta vez em terras desconhecias e escravistas. Os sacerdotes africanos escravizados são os antecessores dos pais-de-santo e responsáveis por instruir seu rebanho numa jornada que até a sua libertação por completo levaria mais de quatro séculos. No Candomblé não existe o conceito de pecado, existem rituais de oferendas feitas para agradecer e reverenciar os orixás.

Neste trabalho abordamos o Candomblé, desde a sua chegada ao Brasil até a disseminação pelos estados brasileiros. Como polo principal temos a Bahia, mas o Candomblé desenvolveu-se tanto que chegou à Paraíba e a Cajazeiras e se instalou no meio social de maneira audaz e pacífica.

A etnia jeje é uma das presenças mais fortes do Candomblé no Brasil e, por sua localização escravista, na Bahia, terra de todos os santos e crenças. Entre os anos de 1701 e 1810 estima-se que cerca de 660 mil escravos saíram de suas terras com destino à Bahia de São Salvador. Em Pares (2007) encontramos dados sobre a população escrava no Brasil e descobrimos que esta população é formada principalmente pelas nações jeje, nagô, haucos, ganguela e a angola, cada qual vinda de uma localidade da África mantendo suas tradições de batuque.

Fundamentação teórica

O tráfico negreiro e a disseminação do candomblé

O século XVI foi marcado por grandes acontecimentos na estrutura político-social a nível mundial. Esta época é marcada historicamente por uma busca de riquezas das nações mais desenvolvidas, a saber, Portugal e Espanha, que com sua política de expansão se lançaram mar a dentro em busca de novas terras para comércio e para colonização. Portugal precisava de uma nova rota para comprar suas especiarias e usufruir do comércio mantido com países do Oriente, numa dessas tentativas uma nova terra fora descoberta e passou a servir de colônia portuguesa para a Coroa. Portugal não mais necessita encontrar uma nova rota para seu comércio, pois encontrou uma terra “sem dono” transformada numa mesa farta para resolver os empecilhos que a nação portuguesa transitava.

Porém o problema português não acaba com a chegada à terra de Vera Cruz, visto a impossibilidade de usar a mão-de-obra encontrada na nova região de colonização, a indígena. Torna-se, pois, necessária a utilização de outra mão-de-obra barata e de fácil aquisição, isto foi encontrada e retirada de outra terra, a África. Iniciou-se um dos períodos mais marcantes de maneira negativa da história do futuro Brasil, o tráfico de escravos.

Os negros vinham da África em navios – mais conhecidos como tumbeiros, dada a grande possibilidade daquele navio servir de tumba para os passageiros africanos – superlotados, amontoados uns em cima dos outros, sem condição nenhuma de higiene e saúde.

Vivemos em uma nação riquíssima de cultura, com um enorme e respeitável sincretismo religioso. O Brasil é um país considerado cristão, mas isso não impediu outras religiões ricas culturalmente chegarem aqui e fazerem história. Conhecemos a história do nosso país e sabemos que fazemos parte de várias culturas, dentre elas está a cultura afro-brasileira, trazida para nosso país junto com os negros escravos africanos. Quando estes chegaram trouxeram em sua bagagem o culto primitivo praticado: o Candomblé.

Segundo muitos estudiosos da História, o Candomblé surgiu numa determinada região africana e na cidade, especificamente, conhecida como Ifé, cidade Nigéria e centro do povo Iorubá; nesta cidade eram cultuados vários deuses. Estima-se que cerca de 600, cada qual com propriedades e designações próprias, remetidas às condições da natureza e da alma “anima”, por isso o Candomblé também é conhecido como anímica. A princípio podemos até fazer uma analogia com a Grécia e Roma antigas, porém um aprofundamento no tema nos indica as nuances e diferenças entre a forma de cultuar os deuses nestas diferentes nações.

O sincretismo religioso

O Candomblé é o culto dos orixás, uma religião que se tornou afro-brasileira porque, quando os negros chegaram ao Brasil, sentiram a rejeição dos senhores e da Igreja com relação a sua religião. Como os escravos não abriam mão das suas ricas divindades e do seu culto, resolveram buscar na Igreja Católica santos correspondentes aos seus orixás.

Atualmente o Candomblé possui 16 divindades, mas na África estima-se que sejam cerca de 600. Esta religião tem por base a alma da natureza, por este motivo é chamada de religião anímica, palavra derivada de “anima” – alma. Disto houve o conhecido como sincretismo religioso e os santos da Igreja Católica passaram a ser incorporados e usados nas cerimônias; desta forma os negros não desagradavam a Igreja – detentora de força político-social – nem deixavam de reverenciar suas divindades.

Chegamos, pois, a uma mistura de santos com orixás que ainda hoje é motivo de mau entendimento, porque um se confunde com o outro. Pelo sincretismo chegamos à seguinte classificação de orixás e santos católicos: Exú – Santo Antônio, Ogum – São Jorge, Oxóssi – São Sebastião, Omolú – São Lázaro, Ossaim – São Benedito, Oxumaré – São Bartolomeu, Nanã – Santa Ana, Oxum – Nossa Senhora da Conceição, Logum Edé – Santo Expedito, Obá – Santa Joana d’Arc, Euá – Nossa Senhora das Neves, Inhansã – Santa Bárbara, Iemanjá – Nossa Senhora dos Navegantes, Xangô – São João Batista, Oxaguiã – Menino Jesus, Oxalá – Senhor do Bom Fim,

Olorum – Deus.

Entendido na sua forma atual, o Candomblé desenvolveu-se em meio a muitas “nações” negras, concentradas na sua maioria no estado da Bahia, e serviu como maneira de continuar os costumes herdados de uma terra que agora só se podia chegar através dos sonhos e da imaginação.

Perseguição, fortalecimento e popularização

Em meio à clandestinidade, o Candomblé sofreu retaliações, mas prosperou durante quatro séculos de sofrimento escravo; incorporando os santos da Igreja Católica conseguiu uma existência fecunda e sem outros problemas. Nos dias atuais, em tese, não há mais a necessidade de esconderem-se; os praticantes do Candomblé fortalecem suas vidas com seus ritos e preceitos. Segundo dados do historiador Alberto Costa e Silva (2009), no Brasil aproximadamente 1,5 % da população se dizem praticante do Candomblé, o que representa pouco menos do montante a população paraibana; já em Salvador, segundo a mesma fonte, estima-se a existência de mais de dois mil terreiros; por fim, hoje, em todo o Brasil, já chega a 70 milhões de praticantes, regular ou ocasionalmente, de algum rito do Candomblé.

Quando chegou ao Brasil, o Candomblé ficou mais restrito à Bahia e Pernambuco. Sabemos que o estado da Bahia é um maravilhoso caldeirão de sincretismo religioso e a maior referência do Candomblé no Brasil. Mas esta religião dos orixás ganhou mais espaço e saiu para outros estados e cidades, chegando ao estado da Paraíba. Precisamos entender como funciona essa religião para depois entendermos a sua chegada aos outros estados e cidades.

Para entender o Candomblé deve-se primeiro despir-se dos preconceitos que porventura assolem a nossa malha intelectual. Conhecido preconceituosamente como um ramo da macumba, o Candomblé vem, ao longo dos anos ganhando força no território brasileiro, em parte por sua filosofia espiritual, em parte pela necessidade do povo em procurar algo acima do sensível para se amparar em momentos de dificuldades.

Nas palavras de Carmo (2006, p. 20):

O Candomblé ensina que o ser humano não cabe em um único molde. Por isso a prática comum no Candomblé é a da “teologia do acolhimento”, tão cara aos modernos movimentos católicos e evangélicos, praticada a pelo menos três séculos nos terreiros! Ou seja, a pessoa é bem-vinda ao terreiro, do jeito como ela está, sem perguntas, sem questionamentos.

Por este e por muitos outros motivos os adeptos do Candomblé vêm se massificando no Brasil, saindo dos terreiros baianos e se disseminando para os outros Estados da federação. Além do acolhimento no terreiro, caro aos movimentos religiosos e sociais atuais, o Candomblé não tem dogmas que condenam seus praticantes a lástimas e irreversíveis. Nos terreiros se aprende que cada um é um ser único, dotado de aptidões e regido por um orixá que preside a vida do indivíduo e explica seus desejos e comportamentos.

O Candomblé se torna único e, na sua forma de cultuar as divindades, totalmente diferente do cristianismo, pois qualquer um tem o direito de cultuar livremente seu orixá e de se manifestar, sem a necessidade de se colocar de um dos lados da dualidade de bem-mal empregada nas religiões de cunho cristão.

Somos do entendimento de João do Carmo (2006, p. 22-23), quando este nos reporta à diferença entre as religiões de cunho cristão e o Candomblé:

A principal diferença entre o Candomblé e o cristianismo é que, enquanto os cristãos têm uma única divindade como modelo, o Candomblé tem pelo menos doze orixás, doze divindades que são representações psicológicas. No cristianismo as características do indivíduo foram separadas entre “boas” e “más”, enquanto o Candomblé proclama que o que há são meras “características”, e que, dependendo do orixá que preside a vida do indivíduo, ele terá tais e quais qualidades e defeitos. Ninguém é menosprezado por assumir qualquer atitude e comportamento. A religião, longe de ser pensada como

um “freio social” é muito mais um estímulo, um agente provocador de transformações. Se há algum limite para o indivíduo ele está fora. Dentro do indivíduo mora uma divindade, que quer homenagens regulares.

Como sabemos, a origem do Candomblé é africana, porém dentro do próprio Candomblé há subdivisões, graças a sua diversificação no país e advindo da sua matriz africana, podemos, portanto, dividi-lo em: Candomblé jeje, Candomblé Ketu, Candomblé nagô, Candomblé de Angola e Candomblé caboclo.

Para Carmo (2006), o Candomblé como sistema filosófico é extremamente prático e valoroso na vida e no cotidiano sem distinção de nacionalidade e cor de pele; contrapondo-se aos valores cristãos encravados na sociedade, elimina a culpa e assume defeitos como característicos da personalidade, permitindo que as pessoas possam viver livremente. Esses valores também se contrapõem às correntes psicanalistas que considera desvios de personalidade o modo de ser dos praticantes.

Preceitos e ensinamentos

Existem alguns personagens importantes a serem destacados neste estudo, basicamente três: o pai-de-santo, os orixás e os filhos-de-santo.

O pai-de-santo, um representante primordial no Candomblé, é o sacerdote responsável pelo terreiro, recebe o nome de babalorixá, babalô, tata inkice ou doté. Esta função não é restrita apenas aos homens, as mulheres também podem ser sacerdotisas ou mãe-de-santo, também conhecidas como ialorixá. No terreiro se realiza os principais ritos do Candomblé. Os orixás são as divindades do Candomblé, na África existem centenas delas, cada uma responsável por determinada ação na natureza e possuidor de força vida das pessoas. No Brasil aprendeu-se a cultuar aproximadamente 16 entidades e, de forma ainda não consensual entre os estudiosos brasileiros, o panteão básico nos enumera as doze principais do Candomblé. As pessoas que são regidas pelos orixás tendem a ter as características de seu protetor. Aqui estão, a

título de informação, os orixás e suas principais características, encontradas e resumidas da obra de João Clodomiro do Carmo (2006, p. 51-81):

1. Exu – o primeiro a receber as oferendas dos humanos, é responsável por abrir os caminhos e decifrar os mistérios mais intrigantes; é o elemento responsável por levar os pedidos dos homens aos orixás, por isso é associado à fala e à comunicação. No sincretismo religioso, Exu é comparado ao demônio cristão, por isso ainda goza de certo preconceito, sendo muito raro encontrar um filho dele.
2. Xangô – é o orixá mais importante do Candomblé brasileiro, representa o poder total, a força e concentração; assemelha-se ao Deus pré-cristão Jeová. É também um deus ciumento e sua ira deve ser evitada, pois seu poder serve tanto para construir quanto para destruir. Característica marcante de filho de Xangô e a aversão à morte e a cadáver.
3. Iansã – deusa feminina mais apreciada do Candomblé. Iansã costuma ser uma mulher viril, graciosa, uma mulher que em vontade, não leva desaforos para casa. É também a senhora dos raios, disposta a defender seu território e seus interesses a ferro e fogo.
4. Oxum – é um orixá feminino das águas doces, dos rios e das cachoeiras, do amor da prosperidade e da beleza, tem uma característica marcadamente maternal, de saber cuidar. Seus filhos são os mais indicados para fazer o jogo de búzios, visto o cuidado que Oxum tem com os seus. É mãe, companheira e amiga, mas não dê a uma filha de Oxum pesadas responsabilidades, pois ela tenderá a ignorar; pessoas regidas por este orixá estão sempre atrasadas para compromissos e farão tudo no último momento, certamente esperando uma ajuda de alguém.
5. Oxóssi – guerreiro valente e destemido, que percorre os bosques a procura de caça ou simplesmente para exercitar suas habilidades de atleta. É um deus bonito e sensual. Os filhos de Oxóssi são pessoas ágeis e elegantes, intelectuais.
6. Ogum – no Brasil disputa com Iemanjá e Xangô o

posto de orixá mais popular; é um dos orixás que tem raízes mais antigas; por ter ascendência sobre o ferro, Ogum é também a divindade da civilização e da técnica e é um deus amplamente viril, plenamente macho e heterossexual, diferente de outros orixás que admitem a união homossexual.

7. Iemanjá – a rainha dos mares, muito referenciada nos cerimoniais de ano novo à beira das praias. Apesar de ser orixá africano – como os demais – é representada como uma mulher de pele clara. Iemanjá tem sua história numa pequena nação africana, onde era cultuada como divindade de todas as águas, representando com isso o leito primordial, de onde nasceram todos os seres vivos.

8. Oxalá – no Candomblé este orixá tem um lugar de destaque por ser o mais velho e experiente orixá. Oxalá é o modelo de pai, calmo, tranquilo, conselheiro e sábio em momentos difíceis ele se torna o pai e companheiro perfeito para os negócios. Por ser o grande pai Oxalá preside a fecundação e o parto, mas também a morte, quando o ser humano perde a sua individualidade, voltando à condição de matéria indiferenciada.

9. Obaluaíê – este orixá se veste de vermelho e preto e está ligado intrinsecamente à morte, é tanto que a ele são consagrados os defuntos e cemitérios. Ele é o orixá da peste, da epidemia e das doenças da pele e sexuais, para se livrar de tais doenças os seus seguidores lhes rendem homenagens.

10. Oxumaré – suas principais características são: vaidade, fazer fofocas, gosto pelo luxo e riqueza; Oxumaré é uma divindade ambivalente, pois seis meses ele é um bonito príncipe e durante os outros seis meses ele é uma princesa. Os filhos desse orixá são fascinantes, pois possuem os traços de seu orixá e conseguem manter por horas a fio pessoas a seu lado, ouvindo-os destilar seu veneno ampla e irresistivelmente.

11. Nanã – junto com Obaluaíê e Oxumaré, Nanã forma o trio de deuses da nação jeje, que foram assimilados pelo Candomblé do Brasil e misturados com as outras divindades da nação nagô. Este orixá é caracterizado por ser uma velha rabugenta, intratável e intolerante; se torna a mais terrível das amantes, também sendo uma mulher

desprovida de charme e sem maiores encantos, porém é leal, honesta e protege os segredos que lhes são confiados.

12. Logum Edé – é o deus mais bonito do Candomblé; sedutor, atraente, refinado, vaidoso, preguiçoso e ciumento Logum Edé é um orixá macho/fêmea que mais rapidamente ganhou prestígio no Brasil. Ele é o único orixá adolescente; de faces imberbes e sexualidade indefinida, é frágil. Por ser vaidoso gosta de está em companhia de várias pessoas, sejam elas rapazes ou moças, de sua idade.

Contudo, não há consenso nesta classificação, pois há historiadores que remetem a mais quatro orixás, isto é, seriam 16 principais. Os outros orixás não citados e que ajudam a formar o panteão advindo da nação nagô são: Ossaim, Obá, Euá e Irokô. Dos quatro o mais cultuado é o primeiro por ser o orixá das folhas, dos medicamentos, materiais que o pai-de-santo tem de manipular para fazer os chás, as infusões e outros preparados para os trabalhos e rituais.

Irokô é o deus do tempo; Obá, uma das esposas de Xangô, representa as mulheres bonitas, mas sem muita personalidade; por fim, Euá, descrita por Carmo (2006) como uma mulher sofrida e pobre, que só consegue sustentar sua prole com trabalho penoso, ultrapassando muitas dificuldades.

Cada Orixá possui características de personalidade típicas provocadoras de vibrações no indivíduo, que fica sob sua influência. Este indivíduo é conhecido como “Filho-de-Santo”.

A iniciação no Candomblé de um filho-de-santo é-nos traduzida por Carmo (2006, p. 32) da seguinte maneira:

A pessoa que vai ser iniciada no Candomblé passa por um cerimonial que na sua primeira parte dura vinte e um dias ou mais. Nesse período de noviciado, ele é chamado de iaô. Como comidas especiais, abstém-se de relações sexuais e aprende os princípios fundamentais do culto de sua nação e, em particular, do orixá que preside sua vida.

Parte do aprendizado é uma dança solene, com a qual a pessoa vai homenagear regularmente a divindade nas festas do terreiro. A iaô aprende também a preparar a comida do santo, pratos [...] tudo em homenagem ao orixá.

Depois disso o futuro filho-de-santo tem sua cabeça raspada em sinal de despojamento e de aceitação dos preceitos – algo como o batismo cristão – e tem um orixá assentado, uma nova personalidade. Disto ela já pode “virar santo.”

O Candomblé é uma religião monoteísta, apesar de cultuar várias divindades, esta religião cultua um Deus maior, soberano, algo parecido com o catolicismo que possui vários santos e uma divindade maior que rege todos.

Metodologia da pesquisa

Caracterização do espaço estudado

O município de Cajazeiras integra a mesorregião Sertão Paraibano e a microrregião de Cajazeiras. O município foi emancipado à categoria de cidade em 1876. A origem do nome *Cajazeiras* está relacionada à existência de um sítio que levava esse nome, devido à grande quantidade de cajazeiras (árvores produtoras do fruto cajá). Localiza-se às margens da BR-230, a 497 km da capital, no extremo oeste da Paraíba, nas coordenadas geográficas: entre os paralelos 6°47' e 6°54' de latitude Sul e entre os meridianos 38°32' e 38°38' de longitude Oeste de Greenwich, ocupando uma área de 567,5 km². Limita-se ao oeste com Cachoeira dos Índios e Bom Jesus; ao sul, São José de Piranhas; a norte com Santa Helena; ao norte e leste com São João do Rio do Peixe; e ao sudeste com Nazarezinho. A cidade está localizada num ponto estratégico em relação aos estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e outros municípios que compõem o Sertão Paraibano (IBGE, 2011).

Material e método

A pesquisa é de natureza quali-quantitativa sendo esta última para sistematização dos dados em gráficos. Dessa forma, o trabalho de pesquisa teve sua execução pautada, nos seus primeiros passos, no levantamento bibliográfico e documental.

- ✓ Pesquisa bibliográfica e documental: periódicos, dissertações, livros, jornais etc.
- ✓ Entrevistas semiestruturadas, em que o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Sendo uma forma de explorar mais amplamente uma questão, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

Esse tipo de entrevista fornece uma boa amostragem da população em geral, uma vez que, o entrevistado não precisa saber ler ou escrever. Há uma maior flexibilidade, permitindo ao entrevistador repetir ou esclarecer as perguntas, bem como possibilita a oportunidade de avaliar atitudes e condutas a partir da observação e registro de reações e gestos. Permite também que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico (LAKATOS; MARCONI, 2005).

A aplicação das entrevistas semiestruturadas foi realizada no período de fevereiro a março de 2013. Primeiro entrevistamos o Babalorixá Jackson Ricarte (primeiro sacerdote paraibano) com um questionário específico totalizando 24 perguntas.

Para a população utilizamos outro questionário que totalizou 50 perguntas contendo um roteiro comum a todos entrevistados (20 entrevistas). Como critérios para escolha dos entrevistados considerou-se:

- ✓ Ser maior de 18 anos;
- ✓ Residir na cidade há mais de cinco anos.

A escolha reduzida de entrevistados é assegurada, considerando que na pesquisa qualitativa o critério crucial não é numérico, onde a amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões, de

maneira a privilegiar os sujeitos sociais possuidores dos atributos dos quais o pesquisador pretende investigar (MINAYO, 1998).

Resultados e discussões

Quanto ao crescimento e a difusão do Candomblé para os outros estados brasileiros se encontra uma bibliografia muito reduzida e de pouco acesso; como nosso foco é tratar da chegada à Paraíba e a cidade de Cajazeiras, nós recorremos a o mais antigo Babalorixá da nossa região, Jackson Ricarte, que com sua experiência e presteza nos concedeu uma entrevista, cuja varias informações sobre a chegada do Candomblé a Paraíba e a Cajazeiras só pôde ser obtida através dessa proveitosa conversa.

A história do Candomblé de Ketu na Paraíba confunde-se com a chegada de Jackson a Cajazeiras, em 1974. Este babalorixá chegava ao Sertão Paraibano para resolver um problema de uma pessoa. O trabalho duraria aproximadamente 08 dias e depois disso ele certamente voltaria ao Rio de Janeiro, cidade onde residia e trabalhava. Deste atendimento, seu nome começou a ser divulgado entre as pessoas e foram surgindo cada vez mais novos casos a serem resolvido, no entanto, Jackson aqui foi ficando e até os dias atuais já se transcorreram 37 anos de uma história dedicada exclusivamente ao Candomblé e a sociedade cajazeirense e paraibana.

O Babalorixá Jackson Ricarte (primeiro sacerdote paraibano, título recebido em 2006) foi pioneiro nesta área de atuação na Paraíba. Ele recorda que na Paraíba, quanto da sua chegada, havia apenas cartomantes, rezadeiras e casas de umbanda. Jackson instalou-se em Cajazeiras e só na década de 1980 o babalorixá Erivaldo, filho-de-santo de Jackson, instalou-se em João Pessoa e fez a sua casa.

Em cajazeiras, existem seis terreiros onde se pratica Candomblé, porém apenas dois com registro oficial na Federação de Cultos Afros: um é do sacerdote Jackson e outro é o babalorixá Valdemir. Todos os seis atendem ao público que os procura e rezam nos preceitos trazidos por seus precursores africanos. A primeira casa de Candomblé em João Pessoa foi

aberta na década de 1980, pelo filho de santo de Jackson Ricarte, o babalorixá chamado Erivaldo da Silva, filho de Oxum. Antes havia lá apenas cartomantes, rezadeiras, casas de umbanda, porém casa de Candomblé mesmo só na década de 80 (segundo entrevista de Jackson Ricarte).

Em seguida as informações coletadas por meio da entrevista com o Sacerdote Jackson Luiz Gonçalves Ricarte com maiores detalhes sobre a sua chegada à Paraíba, como ele se tornou pai-de-santo e qual a sua visão do Candomblé:

Para Jackson Luiz Gonçalves Ricarte, o Candomblé é sua religião e única razão de existência, pois trata, sobretudo, da natureza que deve ser amada e respeitada. O primeiro contato dele com a religião aconteceu aos 11 anos, por uma necessidade de saúde, onde os médicos haviam dito que ele era portador de uma enfermidade (epilepsia). Resolveu procurar o Candomblé e foi curado, a partir de então abraçou esta religião como filosofia de vida, iniciando sua trajetória no Candomblé e foi santo aos 12 anos, recebendo o cargo de babalorixá aos 19 anos, no ano de 1970. Posteriormente, em 22 de março de 1974, abre a primeira Casa de Candomblé de Cajazeiras e da Paraíba. Seu título de sacerdote veio no ano de 2006, sendo o primeiro da Paraíba.

Quanto à aceitação do povo de Cajazeiras, o sacerdote Jackson afirma que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito, tendo sua casa frequentada por todas as classes sociais, e atendendo pessoas de todo país, inclusive de fora do Brasil, como EUA, Japão, Venezuela, Europa, etc.

O Candomblé é caracterizado pelo respeito e o amor aos Orixás, que são divindades que comandam toda a natureza, cada qual na sua especificidade. É uma religião despida de preconceitos. Jackson ainda revela que é filho de Iansã junto com Ogum. O nome do seu terreiro é: Ilê Axé Runtó Rumboci (o poço que nunca seca). Nesta longa caminhada traçada ao longo dos anos já fez 123 filhos de santo, entre homens e mulheres, onde alguns desses já são Babalorixás e Ialaorixás. Ele afirma que *“Não sou de querer quantidade, só faço filho se houver necessidade, ou seja, se o orixá exigir que faça”*

Seu trabalho no município de Cajazeiras teve início porque, ainda quando residia no Rio de Janeiro, foi chamado a Cajazeiras para resolver o

problema de uma pessoa enferma, que duraria oito dias, mas acabou permanecendo, totalizando hoje 35 anos de residência na localidade. Considera seu legado um dom de Deus, porém com muitas renúncias e sacrifícios, mas não se arrepende, e se considera muito feliz.

Por ter seu trabalho reconhecido por boa parte da população, já foi homenageado como sacerdote de Candomblé por diversas pessoas, diversas vezes, inclusive pela Câmara municipal de Cajazeiras no ano de 1998, como maior Babalorixá da cidade. Ficou conhecido em toda cidade, mas segundo ele nunca fez nenhum tipo de propaganda, as pessoas que fizeram a propaganda por elas mesmas, tendo em vista os bons serviços prestados.

Indagado sobre como funciona a caridade no Candomblé, o sacerdote Jackson relata que nas festas a comida é para quem chegar, comendo todos, a mesma comida, seja o Babalorixá ou o pedinte da rua, sem distinção. Além disso, as carnes dos bichos da matança que não são usados na refeição são distribuídas com as pessoas carentes. As roupas usadas pelas pessoas nas tiradas de ebó são doadas também. Os trabalhos realizados são referentes à saúde, ao amor, aos negócios, à política, enfim, qualquer problema humano ou espiritual.

O principal culto no Candomblé é a feitura do Orixá, sendo necessário o consentimento do Orixá. Depois é feita toda uma preparação espiritual com resguardo de sexo, bebida, alguns tipos de comida antes e depois da feitura e nenhum filho feito no Candomblé pode comer carneiro. O orixá simboliza todo um conjunto de símbolos, que são uma pedra chamada Ator e todo o assentamento, que são as vasilhas, talhas, pratos, bacias, quartinhas, quartilhões, ferramentas, etc.

O atendimento ocorre todos os dias, menos as sextas-feiras, pois é o dia de Oxalá, dia sagrado para oração e descanso. A obrigação para com o Candomblé é até os 70 anos, e depois os fiéis são dispensados de alguns rituais que exigem muito esforço. E outra questão que merece destaque e que sempre se ouve falar é quanto à importância dos búzios, que é descobrir qual é o orixá da pessoa, qual o problema em que a pessoa se encontra e assim tentar resolver.

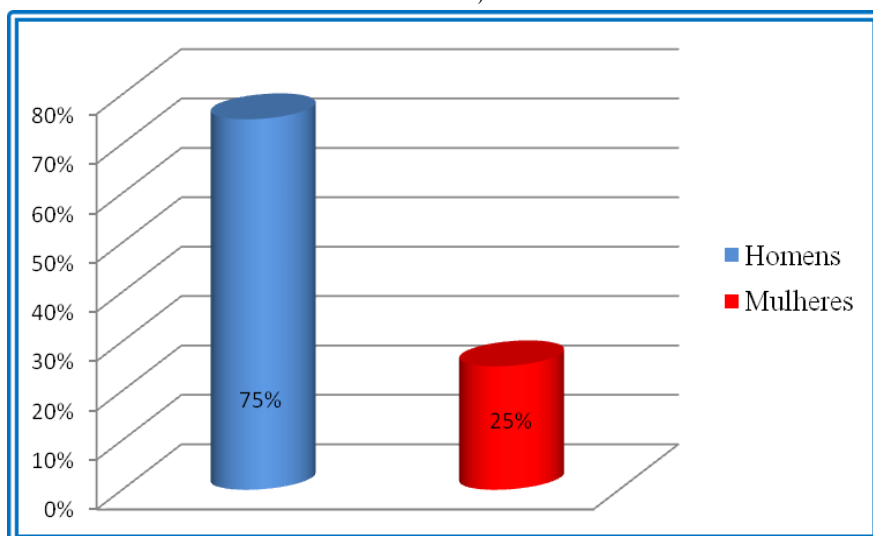
A partir de diversos estudos e pesquisas achamos por bem realizar uma pesquisa de campo na cidade de Cajazeiras, visando analisar como as pessoas portam-se diante dessa religião de origem africana existente em sua cidade.

Pesquisa de campo

A pesquisa realizou-se entre fevereiro e março de 2013, com 40 pessoas dos diversos segmentos da sociedade, tendo como critérios ser maior de 18 anos e residir há mais de cinco anos na cidade de Cajazeiras.

Iniciamos a discussão descrevendo um rápido perfil dos entrevistados. Quanto ao percentual dos pesquisados, homens e mulheres, houve uma predominância do sexo masculino (Figura 1). Justificado pelo fato que o chefe da unidade familiar ainda é representado pela figura masculina.

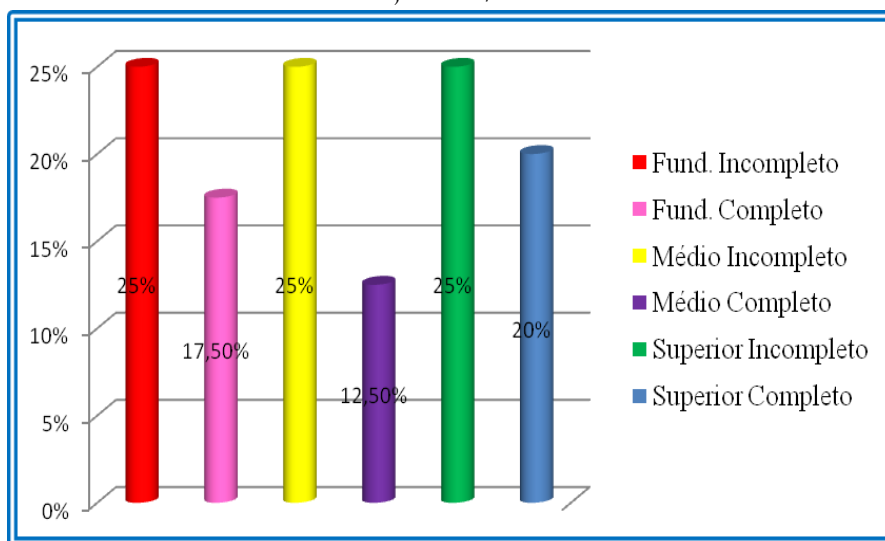
Figura 1: Percentual dos gêneros masculino e feminino entre os entrevistados – Cajazeiras – PB.



Fonte: FREITAS (2012).

Em relação à escolaridade, ocorreu uma predominância do nível do Ensino Fundamental incompleto, Médio incompleto, e Superior incompleto (Figura 2).

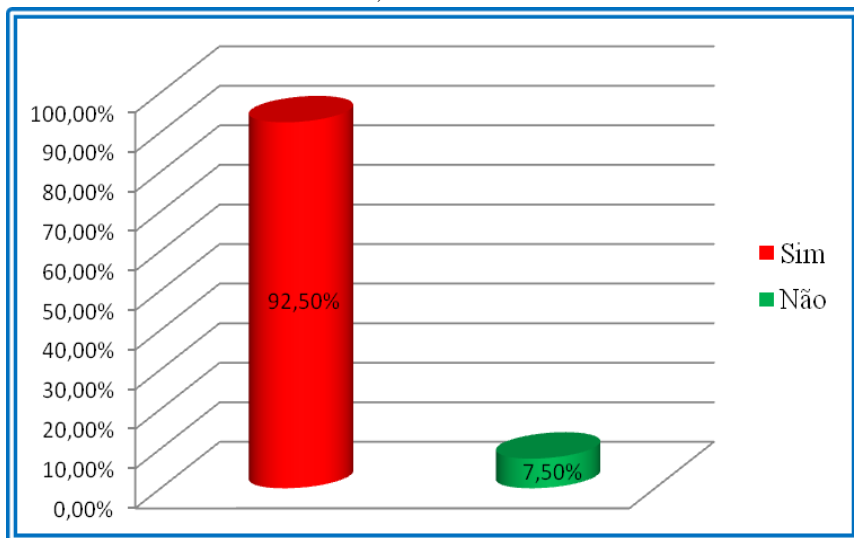
Figura 2: Percentual do nível de escolaridade entre os entrevistados – Cajazeiras/PB.



Fonte – FREITAS (2012).

Entre os entrevistados 92,50% afirmaram conhecer o Camdomblé seja de maneira direta com visitas aos terreiros de Camdomblé ou indireta como a convivência com seguidores da religião que mesmo nunca ter frequentado os terreiros e não ser seguidores da mesma, essas pessoas adquiriram algum conhecimento do Camdomblé pelo fato da convivência com os adeptos (Figura 3).

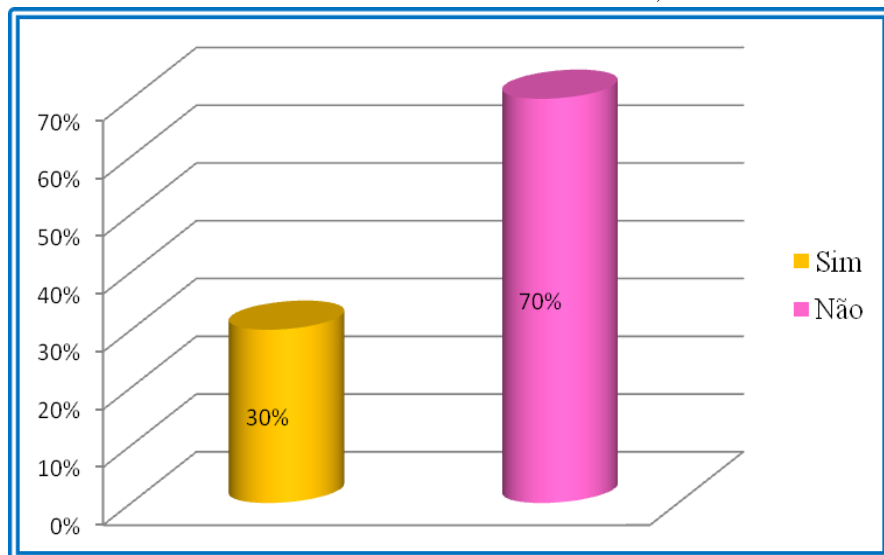
Figura 3: Percentual das pessoas que conhecem o Candomblé na cidade de Cajazeiras/PB.



Fonte: FREITAS (2012).

Entre os entrevistados 30% afirmaram já ter frequentado ou frequenta um terreiro de Candomblé (Figura 4). A cidade de Cajazeiras a grande maioria da população afirma ser seguidora do catolicismo, mesmo assim foi indentificado na pesquisa pessoas que afirmaram ser católica e frequentam o Candomblé.

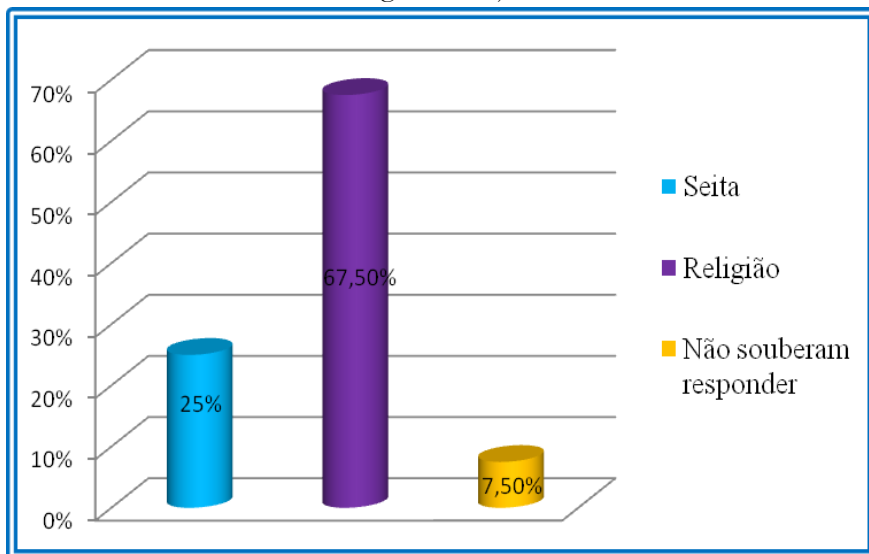
Figura 4: Percentual dos entrevistados que já frequentou ou frequenta um terreiro de Candomblé na cidade de Cajazeiras/PB.



Fonte: FREITAS (2012).

Dentre dos entrevistados 67,50% consideram o Candomblé uma religião como as demais enquanto 25% ver o Candomblé como Seita não considerando uma religião (Figura 05). Observa-se assim uma boa aceitação do Candomblé por parte desta população.

Figura 5: Percentual dos entrevistados que considera o Candomblé como seita ou religião – Cajazeiras/PB.



Fonte: FREITAS (2012).

Em relação à existência da quantidade dos terreiros de Candomblé em Cajazeiras 57,50% afirmaram ter conhecimentos da existência dos seis terreiros de Candomblé na cidade. Enquanto 42,50% disseram que não sabia a quantidade dos terreiros existentes. Este dado revela que a mais da metade da população tem um conhecimento sobre o Candomblé, embora muitos ainda de forma superficial, e muitos outros fazendo uso dos serviços prestados por eles. Demonstra, portanto um reconhecimento que pode ser considerado significativo para a religião.

Considerações finais

O Candomblé hoje em Cajazeiras já tem um reconhecimento significativo, haja vista o Sacerdote Jackson já ter sido homenageado por várias vezes pelas diversas entidades da cidade, a exemplo da Câmara de

Vereadores que em 1998 lhe reconheceu como o maior Babalorixá da cidade, além de está sempre está presente em cerimônias com autoridades, de todos os seguimentos da sociedade. Pelo que observamos e nos foi reportado da parte de Jackson, não é feita nenhuma propaganda na empresa dos babalorixás ou de seus terreiros, a procura decorre da propaganda informal. Na casa do Sacerdote Jackson encontrou-se os mais diversos seguimentos sociais e todos se beneficiam da festa.

Mas para os seguidores da religião o Candomblé vai, além disso, mais do que uma religião é um modo de vida. Como religião destrói os preceitos dogmáticos arraigados pelo o cristianismo de mal e bem, céu e inferno, pecado e remissão. Como modo de viver, ensina a valorizar a vida e agradecer o que temos, pois somos da natureza e lhe devemos respeito, também pelo que ela nos oferece.

Por fim podemos afirmar que o Candomblé é uma forma em que a sociedade atual tem de se colocar em contato com si por meio do entendimento de seu orixá regente e é fonte de transformação social, pois desperta no seu conhecedor o conhecimento de si e da sociedade que o cerca.

Referências

- AMARAL, Rita. *Xirê: O modo de crer e de viver no Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2002.
- CARMO, João Clodomiro do. *O que é Candomblé*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos municípios brasileiros 2011. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/munic2006/sel_tema.php?munic=250370&uf=25&nome=cajazeiras. Acesso em: 09 out. 2012.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas 2005.
- LASCIO, Eduardo de. *Candomblé: Um caminho para o conhecimento*. São

Paulo: Cristális, 2000.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*.

5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

OLIVEIRA, Rafael Soares. *Candomblé: Diálogos fraternos contra a intolerância religiosa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PARES, Luis Nicolau. *A formação do Candomblé: História e ritual da nação jeje na Bahia*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: A panela do segredo*. São Paulo: Mandarin, 2000.

RIBEIRO, José. *A magia do Candomblé*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1994.

VIALLE, Wilton do Lago (babalorixá Ominarê). *Candomblé de Keto ou Alaketo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.